

A VIDA AO AR LIVRE: OS BANHOS DE RIO, DE MAR E DE SOL ¹

rita de cássia barbosa de araújo²

Resumo: Este artigo trata do processo histórico-social de transformações das praias de mar de Pernambuco, das suas formas de ocupação, dos seus usos e significados, entre 1840 e 1940. Dentre os fatores que condicionaram as mudanças — o saber médico, as transformações econômicas, sociais, culturais e urbanas —, é dada ênfase apenas ao conhecimento médico e à compreensão de como esse saber influenciou na criação de um novo olhar sobre as praias, fornecendo a chave discursiva que resultaria na valorização econômica, social e cultural daquele espaço e no estabelecimento de novos padrões comportamentais; representações, concepções estéticas e atitudes para com o corpo.

Palavras-chave: praias, banhos de mar, Pernambuco 1840-1940.

Abstract: This article focus on the social-historical process, between 1840 and 1940, that turned the Sea-coast beaches of the State of Pernambuco into havens of healing, rest, amusement, aesthetic appreciation of nature and estate investing. The main reasons that led to the change were social, historical, economical and urban modifications as well as hygienist health findings. This work specifically zooms in understanding how medical knowledge influenced this new perception of beaches, providing the key

² Historiadora e pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco.

element for economical, social and cultural Development, and, therefore, establishing new behavioral patterns and renewed representations, aesthetic sense and attitudes towards the Body.

Keywords: beaches, sea bathing, Pernambuco 1840-1940.

O século XX assistiu à consagração das praias de mar e cercanias como espaços extremamente dinâmicos, econômica e culturalmente valorizados, de usos os mais diversificados e para os quais são atribuídos significados vários. No transcurso das décadas, as praias se foram constituindo e se consolidando predominantemente como lugar de descanso, de recreio, fruição e deleite estético, de consumo e de atitudes comportamentais de massa; como meio que enseja uma sociabilidade a um tempo diferenciada e múltipla em formas e expressões.

Contudo, um olhar retrospectivo mostra que o cenário acima delineado possui existência relativamente recente na história da sociedade brasileira, sendo fruto de um processo de transformação que se deu em momentos variados conforme o contexto histórico-social particular de cada província e, depois, estado a cujo território pertenciam ou sob cuja influência estavam. Em 1936, no livro *Nordeste*, ao comparar os rios e as praias em termos de percepção, de usos e prestígios, Gilberto Freyre teceu o comentário:

A água nobre hoje é a do mar — esse mar nuns lugares tão azul e noutros tão verde que banha as areias do Nordeste. Iemanjá mesma já não é adorada pelos pretos de xangô nas águas dos rios mas principalmente na água do mar. Entretanto, faz pouco mais de um século que essas praias ilustres não eram senão imundície. Faz pouco mais de um século que nelas só se fazia atirar o lixo e o excremento das casas; enterrar negro pagão; se deixar bicho morto; se abandonar esteira de bexiguento ou lençol de doente da peste.³

Embora saibamos as praias possuidoras de relevo específico, com características físico-geográficas próprias, para melhor compreender o processo de transformação ocorrido nas praias, nas formas de sua ocupação, nos usos e significados que lhes foram dados, concebemo-las como um espaço

histórico, social e culturalmente construído, juridicamente definido como bem de domínio público da União e como lugar de uso comum.

A constituição das praias desse modo considerada, sua dinâmica e seus ritmos vêm de fora: vêm do saber médico, das transformações urbanas, sociais, econômicas e mentais. Das representações e atitudes para com o corpo e do tempo deixado livre para o lazer e manifestações da sociabilidade. Nesse artigo, será dada ênfase à análise de um desses fatores apenas: o conhecimento médico; à compreensão de como este saber influenciou e moldou o novo olhar que a sociedade, especialmente a urbana, lançou sobre as praias a partir dos meados do século XIX. Para Pernambuco, caso de que se ocupa este estudo, o período situado entre 1840 e 1940 corresponde ao do processo de introdução da prática dos banhos salgados entre a população, de difusão e consolidação das praias como lugar de cura, recreio, repouso e convívio social.

Em 1844, o padre Lopes Gama dizia: *“Em uma cidade como a nossa, torneada de rios tão amenos e aprazíveis os banhos entraram no gosto da população, além do suficiente motivo da calma que se sofre na força da canícula. Todavia, ouço dizer que presentemente estão mais em voga os banhos de mar...”*⁴

A associação entre os rios e as praias era recorrente entre aqueles que se dispunham a pensar e a buscar compreender o processo de mudança que se deu em relação aos usos e significados sociais e culturais atribuídos a um e a outro espaço no Recife, na primeira metade do século XIX.⁵ Os rios, os banhos doces nos rios e toda sorte de divertimentos que neles se davam antecederam em algumas décadas as primeiras tentativas de implantação do costume dos banhos salgados em Pernambuco. Não sugerimos que tenha havido uma filiação linear e direta entre um e outro costume. Há, porém, uma experiência social acumulada, décadas de história de uma determinada forma de convívio social com as águas dos rios, em campos abertos e ao ar livre, que não pode ser negligenciada. Havia uma memória coletiva consolidada em torno dos banhos e recreios à beira-rio e uma percepção do que eles representavam para a sociedade que, sempre que preciso, foram chamadas pelos contemporâneos para dar sentido e abrangência histórica ao processo de inovação cultural a que se assistia, com a introdução do uso dos banhos salgados, ainda que fosse para o rejeitar.

Os banhos de rio

No final do século XVIII prolongando-se pela primeira metade do XIX, o rio Capibaribe fazia irrecusável convite à população do Recife, àquela fração contemplada com alguma fortuna, para ir ter com ele nos meses ardentes do verão. Não perto do desagradouro, onde se entregava ao mar depois de haver arrastado entulhos e imundícies que os da cidade depositavam em suas margens ou atiravam no seu leito. Chamava para aqueles trechos pouco ou nada habitados, onde as águas eram limpas e imperavam os tons de verde da cana de açúcar, do mangue, da mangueira, da jaqueira, do cajueiro e da mata; e onde as aves e capivaras estimulavam o gosto pelas pequenas caçadas. Rio de delícias, assim parecia ser o Capibaribe entre finais do século XVIII e inícios do XIX, a julgar pelas descrições que dele fizeram cronistas e viajantes estrangeiros:

Sobe pois o Capibaribe por muitas léguas para o continente, sendo talvez um dos rios mais deleitáveis, e amenos que se conhecem tanto pelo cristalino de suas águas, como pelo plácido da sua corrente, o que de tal maneira atrai os moradores do Recife que quase a despovoam na estação de verão, para irem habitar por alguns meses em infinitas fazendas, e deliciosíssimas casas de recreio, de que elas estão bordadas, sendo inumeráveis as pessoas que de um, e outro sexo se encontram, já banhando-se no rio, já sentadas, ou passeando, ou navegando em canoas à sombra de altas, e copadas árvores, que por um e outro lado acompanham o Capibaribe, e defendendo por longos espaços as águas da ardência do sol.”⁶

Ao desembarcar em Pernambuco em dezembro de 1809, Henri Koster deparou-se com um Recife pleno de luz e calor e um tanto esvaziado de gente. Muitos moradores estavam ausentes, “*habitando em pequenas casas em Olinda e nas margens dos rios, para gozar o ar puro e o divertimento e conforto dos banhos, durante os meses mais sujeitos ao calor da estação ardente.*”⁷ Passados poucos dias, Koster foi conhecer os caminhos e paisagens que levavam às margens do rio Capibaribe e encantou-se com os

arredores da cidade. Alugou uma casa no povoado ribeirinho do Poço da Panela e se juntou àquela gente endinheirada que buscava, noutras paragens e temporariamente, o conforto e a distração que a cidade lhes negava.

No início, na segunda metade do século XVIII, quando foram descobertos, os banhos de rio não possuíam o sentido predominante de recreio, de temporada de descanso e de intenso convívio social, tal como foi observado pelos cronistas e viajantes estrangeiros no começo do novecentos. Em sua origem, a procura pelos ares campestres e pelos banhos nas águas correntes dos rios Capibaribe e Beberibe teve uma motivação higiênico-sanitária.

Rememorando os fatos que deram origem ao arraial do Poço da Panela, o reverendo Ângelo Custódio Machado Gaio conta que, amedrontadas com as desgraças espalhadas pela terrível epidemia que grassou em Pernambuco, entre finais de outubro de 1746 e março de 1747, matando mais de mil e trinta e oito pessoas, muitas famílias abandonaram os locais infectados e “*se retiraram para Igarassu, Beberibe, Apipucos, matriz da Várzea e Jaboatão*”.⁸ Dois anos depois, também na estação do verão, as povoações do litoral foram acometidas por nova e mortal epidemia. Temendo a infecção e a morte, as famílias de posse recorreram ao único recurso profilático que tinham ao alcance: o deixar para trás suas casas e rotinas no centro urbano e buscar refúgio nos campos e povoações que não haviam sido assolados pelo mal. Contudo, além da tradicional fuga da cidade — medida higiênica de que fizeram uso diversas sociedades nos mais diferentes tempos históricos⁹ —, esse último ataque epidêmico fez introduzir, no receituário médico, um novo método terapêutico:

O socorro para muitas famílias inteiras de toda beiramar como dito fica, foi o campo, e banhos nos rios comunicados com as águas salgadas de certa altura, para cima, que sendo logo no princípio das entradas das águas salgadas, nenhum benefício recebiam: assim como também maiores males experimentavam com as águas doces tão somente. Vendo o corpo médico, e cirúrgico da praça do Recife, que seria mui útil aos habitantes da mesma que, se deveriam retirar delas, para fora, logo que entrasse o mês de

outubro em cada um ano, e que usando de banhos durante o verão, não experimentariam com tanta veemência as epidemias que aparecessem (...).¹⁰

Convencido das virtudes curativas das águas do rio comunicadas com as salgadas do mar, em janeiro de 1750, o corpo médico e cirúrgico do Recife empenhou-se em séria, sistemática e longa pesquisa a respeito das qualidades e composição da água, ao longo de vários trechos do rio Capibaribe. Após anos de estudos e observação, em janeiro de 1758, concluiu-se que os banhos mais apropriados aos tratamentos de saúde situavam-se entre o lugar denominado Catanga e a ponte do Monteiro, sobretudo da ponte do Cordeiro ao lugar Caldeireiro. Associando as qualidades curativas da água ao pragmatismo, os médicos declararam ser o trecho do rio, na altura do povoado do Poço da Panela, o mais indicado aos banhos, *“por ser muito espriado, e próprio para ser situado de casa de banhos,”* ou banheiros, além de ser *“ótimo para embarque e desembarque das famílias e trastes”*.

A descoberta do novo método profilático contra as epidemias foi prontamente comunicada às autoridades provinciais, civis, religiosas e militares. A medida da repercussão positiva, acerca dos resultados da experiência medicinal e dos benefícios públicos que adviriam em consequência, chega com a carta de agradecimento do governador aos médicos da província:

(...) respondeu o governador ter aquele corpo médico e cirúrgico tomado a seu cargo o descobrimento das águas para banhos em grau sempre certo a beneficio dos habitantes desta província na necessidade de banhos por causa de moléstias ou de calores no Recife, assim como da descoberta do lugar para nele poderem situar casas para esse fim, como também pelos cômodos de poderem ir as famílias em canoas, e seus trastes ali desembarcarem, e do mesmo modo embarcarem para o Recife, além de por terra mais perto era para os escravos poderem ir e vir em poucas horas de que mui satisfeito se mostrou o ajuntamento médico e cirúrgico.¹¹

No verão de 1759, o Poço da Panela contava com quinze casas de taipa e uma de pedra e cal, todas com as frentes voltadas para o rio, uma delas pertencente aos religiosos do Carmo de Olinda. A construção da capela sob a invocação de Nossa Senhora da Saúde, iniciada em 1772, consolidou de vez o assentamento do povoado naquela margem ribeirinha, outrora terra fértil de engenho moente e corrente — o Casa Forte.¹²

Na virada do século XVIII para o XIX, o movimento em direção aos povoados ribeirinhos era intenso, sinal de que o costume de passar a temporada de festa no campo estava plenamente consolidado. Mais que isto, encontrava-se em ascensão, muito embora permanecesse restrito às camadas sociais urbanas mais elevadas e às pessoas de instrução: comerciantes portugueses enriquecidos na colônia, capitães-gerais e funcionários públicos de alto escalão; ricos proprietários de terra, muitos de tradicionais famílias pernambucanas; médicos, militares, religiosos. A esta seleta minoria, vieram juntar-se os estrangeiros, sobretudo ingleses que, a partir da abertura dos portos, ingressaram em grande número no território brasileiro: eram negociantes, técnicos, representantes consulares, naturalistas.¹³ Os artigos do padre Lopes Gama atestam o dito: *“É chegado o tempo dos banhos, dos passeios, dos passatempos e passa-festas, e não há quem, podendo, deixe de ir ao campo, porque em verdade o Recife nestes meses é um forno.”* Ou ainda este outro, escrito cinco verões depois: *“Estamos no tempo da festa de Natal, quadra dos divertimentos, dos folgares e dos banhos. O calor é agora ardentíssimo, e quem pode vai-se retirando para o campo.”*¹⁴ Em janeiro de 1844, o Carapuceiro voltava ao tema: *“Para muitas senhoras que não podem ou não querem freqüentar bailes, teatros e partidos, os banhos da festa são os seus maiores recreios e o meio mais usado para contrair relações e amizades.”*¹⁵

Eis que aquele rio, por séculos atravessado por canoas e barcas carregadas de caixas de açúcar que iam ter ao porto do Recife, cujas águas fizeram moer os engenhos instalados ao longo de suas várzeas, prestava-se, agora, aos banhos e aos benefícios do corpo e do espírito das famílias ricas da cidade. O saber médico — reconhecido e legitimado pelas autoridades públicas e religiosas e aceito pela elite —, apregoando as virtudes terapêuticas e higiênicas dos banhos de rio e ares campestres, foi o responsável direto e imediato por essa nova forma de aproximação entre a população e os rios.

Com os banhos de rio, veio o prolongamento da chamada estação calmosa no campo, e, com este, o nascimento dos subúrbios do Recife na segunda metade do século XVIII.

Contudo, a motivação higiênico-sanitária e o caráter sazonal — que estariam na base do movimento de expansão do núcleo germinal do Recife em direção ao continente, como bem o percebeu Evaldo Cabral de Mello — não explicam o fenômeno em sua plenitude.¹⁶ Em estudo no qual propôs uma releitura sobre as origens do Recife, expansão e dinâmica do seu crescimento, escreveu Denis Bernardes:

(...) povoação portuária, estreitamente ligada à economia rural voltada para o mercado externo, Recife recebeu as marcas dessa vinculação na maneira mesma pela qual orientou sua expansão física e definiu seus eixos de comunicação com a área agrícola. Desta vinculação receberia uma parte importante do dinamismo econômico que alimentou o seu próprio crescimento e muito dos limites de ordem social e política decorrentes da projeção, no espaço urbano, da estrutura agrária com sua correspondente organização social, concentração de renda e poder.¹⁷

O dinamismo e desempenho da economia agro-exportadora exerciam, assim, influência direta sobre o espaço urbano do Recife, constituindo fatores condicionantes de seu desenvolvimento econômico e social e de sua expansão territorial. A compreensão do início da história suburbana do Recife se completa ao considerar um outro movimento, em sentido contrário ao identificado por Evaldo Cabral de Mello, ou seja, do interior ao porto. Movimento de grande importância econômica cuja origem remonta aos primitivos engenhos de açúcar estabelecidos nas terras marginais do Capibaribe, desde o século XVI.¹⁸

A crise na economia açucareira, verificada entre finais do XVIII e princípios do XIX, desativou muitos dos engenhos localizados nas ribeiras do Capibaribe, próximos ao centro do Recife.¹⁹ Alguns senhores perderam partes de suas propriedades, entregando-as como pagamentos de dívidas. Outros consideraram economicamente mais vantajoso retalhá-las em sítios. Assim sucedeu com as terras do arraial do Poço da Panela, pertencentes ao

engenho Casa Forte; as do engenho Apipucos e as do Monteiro. Na margem direita do Capibaribe, a situação era a mesma. No final do XVIII, o cônego da Sé de Olinda, Francisco Pereira Lopes, adquiriu o sítio de terras denominado Caxangá, pertencente ao engenho Brum, onde “*construiu boa casa para sua residência na estação calmosa*”. Edificou a capela dedicada a São Francisco de Paula, ao redor da qual foram surgindo outros prédios e, por fim, a povoação de Caxangá.²⁰ Nas redondezas do rio Beberibe, em Olinda, assistia-se ao mesmo fenômeno.

Compreende-se, assim, que o movimento que ia ter às margens dos rios e aos arrabaldes, entre a segunda metade do século XVIII e primeira do XIX, possuía mão dupla: Casa Forte, Monteiro, Apipucos, Dois Irmãos, Torre, Cordeiro, Engenho do Meio, Várzea, todos antigos engenhos de açúcar transmutados em subúrbios. De um lado, o discurso médico, ao instituir a necessidade entre a gente abastada e instruída do Recife de retirar-se sistematicamente da cidade a cada estação de verão, estimulava e tornava legítima a demanda social pela aquisição de uma segunda residência no campo. De outro lado e em resposta à procura de casas nos arrabaldes, as terras dos primitivos engenhos da várzea do Capibaribe, agora de “fogo morto”, eram repartidas em sítios e, posteriormente, em lotes, servindo perfeitamente àquele fim. A um novo uso social dos rios, correspondeu uma igualmente nova forma de ocupação das terras às suas margens, a que se seguiriam mudanças, também, no modo de apropriação do espaço e na composição social dos usuários e significação dos espaços suburbanos.

Dos anos de 1830 em diante, aceleraram-se as transformações por que vinham passando os povoados situados às margens do Capibaribe. A paisagem vista do rio ostentava inúmeras residências de “*construção dispendiosa e de apurado gosto*”.²¹ Na altura da Madalena, começavam a ser edificadas finas e custosas palacetes, com as frentes voltadas para a via nobre, que era o rio, com cais de uso privativo e os indispensáveis banheiros de palha ou de pedra e cal. Casarões feitos para perdurar, que incorporavam à arquitetura elementos entrados a pouco no mercado: o ferro, a vidraça, o mármore.

Data desse período, entre os anos de 1830 e 1840, o início do processo de democratização dos subúrbios recifenses, decorrente, em grande medida, da abertura de estradas.²² Democratização que significou, na realidade, o acesso das famílias da classe média recifense — profissionais liberais,

funcionários públicos, militares, comerciantes de médio porte — àquele deslocamento sazonal de retirarem-se da cidade, na estação calmosa, para se entreterem no campo.

As estradas, que por séculos estiveram limitadas a um quase monopólio dos transportes fluviais, vieram facilitar as comunicações entre os bairros centrais da cidade e os povoados. Com as estradas de terra melhoradas e o uso mais difundido do transporte por tração animal, veio o serviço de transporte coletivo regular para os arrabaldes. Pelo menos desde 1839, partiam as diligências da Matriz de Santo Antônio, no centro do Recife, para os Manguinhos, Casa Forte, Monteiro, Apipucos.²³

A abertura de estradas regulares, por sua vez, estimulou uma nova forma de repartição das terras, quer as situadas nas margens do Capibaribe, quer as que ficavam pouco mais afastadas do curso d'água: os sítios foram progressivamente fracionados em pequenos lotes de terreno. Jaqueira, Tamarineira, Mangabeira, Espinheiro, Aflitos, Fundão, Santana, Graças, Capunga, todos antigos e frutíferos sítios que, parcelados, deram origem a muitos dos atuais bairros do Recife.

Contraditoriamente, aquilo que mais atraía a população citadina aos arrabaldes — a salubridade e o frescor do campo, a distância dos ruídos e a ausência de adensamento populacional, um modo de vida mais livre das convenções sociais, o deleite estético de poder usufruir uma paisagem ampla e verdejante — havia de ser perdido com o início do processo de democratização do subúrbio. O arguto Carapuceiro percebeu a mudança e, por certo, pressentiu o que estava por vir:

Nesses meses [de festa] parece que toda a cidade se muda para o campo. Mas a dizer francamente o que sinto, antigamente os nossos subúrbios tinham mais ares de campo, neles se gozava de mais liberdade do que hoje em que o incremento da população tem aumentado os prédios e dado a esses sítios certo caráter de cidade. Em outros tempos, nos lugares de passar a festa, havia muito poucas casas, disseminadas aqui e ali, encontrava-se muito maior número de árvores e de arbustos, e conseqüentemente o ar era mais fresco, mais puro, mais agradável. Era muito maior o número de passarinhos (...).²⁴

O sistema de comunicação mais eficiente e regular e a maior facilidade em adquirir um pequeno lote de terras resultaram a procura pelos subúrbios não só para passar o tempo das festas, mas também como lugar de morada permanente ou passeios ligeiros.²⁵ Local onde foram surgindo novos empreendimentos, novos equipamentos receptivos voltados para os serviços de hotelaria, restaurantes, casas de recreio. Desde então, e até inícios do XX, certas camadas sociais privilegiadas da população recifense tentaram unir o agradável viver dos subúrbios aos múltiplos afazeres e atividades que um grande centro urbano concentra e dos quais se alimenta. Mas, antes mesmo que isto viesse a acontecer, quando o Capibaribe e suas margens detinham a plena soberania sobre as águas e recreios de verão do Recife, ainda no final da primeira metade do século XIX, eis então que surgiu do mar, uma novidade para eles ameaçadora: os banhos salgados.

Os banhos de mar

Em 1844, o padre Carapuceiro insinuava haver sido estabelecida uma discreta concorrência entre os banhos de rio e os salgados do mar, que disputavam entre si o primado sobre as águas. No que se refere à voga dos banhos de mar ultimamente verificada no Recife, perguntava-se:

Será por moda ou por necessidade? Sendo por esta não há que reprovar: pois a saúde é objeto de suma importância; mas se for por aquela, confesso ingenuamente que lhe não acho graça, pois como regalo entendo que os banhos de água corrente e de água doce são muito mais agradáveis que os de água salgada. Porém, nem desses, nem salgados têm mérito algum em comparação de certos banhos, para moças solteiras, e são estes tão eficazes, que bastam três para as contentar, e até curá-las de várias enfermidades. ²⁶

O padre Carapuceiro moralizava a introdução do uso dos banhos salgados mas, ao fazê-lo, identificava precisamente as duas forças sociais e culturais que estiveram na raiz do movimento de introdução dos banhos

salgados na sociedade do Recife, em meados do novecentos: a moda e os tratamentos de saúde.

Se a substituição de certos costumes antigos por outros de gêneros semelhantes, mas que surgiam reluzentes sob a aura da moda e da novidade, merecia a reprovação desse inveterado moralista católico — caso da ameaça dos banhos de rio virem a ser preteridos pelos salgados de mar —, o mesmo não se dava quando estavam em pauta questões por ele consideradas realmente importantes e dignas de reformas: a saúde era uma delas. Os princípios morais dos críticos de costumes, geralmente ligados à Igreja Católica, que constituíram as vozes autorizadas para a função, no século XVIII e primeiras décadas do XIX no Brasil, muitas vezes coincidiram e engrossaram a corrente do discurso dos médicos e higienistas, proponentes de uma nova ordem social urbana e de um reordenamento familiar entre as classes dominantes e médias, a partir dos anos de 1830.²⁷ Nestes casos então, admitiam-se mais facilmente as mudanças, até porque pressupunha-se que seriam guiadas e controladas por grupos e categorias sociais tidas por competentes e legítimas.

Ao mar, percebido como água domesticada para o banho, não se chegou facilmente. Foi o saber científico, o lento avanço do conhecimento das propriedades físicas e químicas da água do mar — e de suas variações conforme os climas, os ventos, as latitudes, as topografias, a vizinhança com as águas doces dos rios e lagos, dentre outros —, e de como elas atuavam sobre o corpo humano, através do uso de banhos ou da ingestão do líquido, uns dos maiores responsáveis pela aproximação do homem, urbano e moderno, do mar. No seu nascedouro, os banhos salgados, como também os de rio, filiavam-se à lógica dos banhos de água fria. Derivavam das teorias científicas, experiências, resultados alcançados e práticas advindas da aplicação do método hidroterápico aos fracos e doentes. Um saber geograficamente situado, que refletia as condições climáticas e de temperatura das águas dos países nos quais se originou e apresentou seus primeiros resultados e desenvolvimentos: Inglaterra, Alemanha, Áustria e a França em seguida.

Hidroterapia significa o tratamento das moléstias pela água. O método, tal como figura no *Dicionário de medicina popular* de Luiz Chernoviz, consistia “na administração d’água fria em abundância, quer internamente, quer externamente, combinado com um meio sudorífero enérgico, fricções prolongas, exercício quase incessante, regime simples

e um ar vivo e puro (...)”. Quando aplicada momentaneamente sobre a pele, a água fria atua sobre o sistema nervoso, e, da reação operada pelos sistemas de vasos capilares, dependia os bons resultados do tratamento.²⁸ Assim,

Na sua mais legítima acepção, o banho de mar é um banho frio especial, um agente hidroterápico de ordem dinâmica, fortificante vital e reconstituente orgânico, apresentando suas características mais pronunciadas sobre as latitudes norte, quando a água é mais ou menos viva e o clima é realmente marinho.²⁹

As reações do organismo humano, ao ser submetido à imersão no meio líquido marinho, foram meticulosamente observadas, identificadas em sua evolução e catalogadas pelos médicos do século passado, do modo que se segue:

Como o banho frio, ele provoca mais ou menos o mesmo fenômeno que o banho frio ordinário: calafrio, perturbação da respiração, opressão epigástrica, contração cerebral, paralisação ou estupor das forças musculares, redução da circulação, palidez e arrepios; em seguida, relaxamento progressivo, restabelecimento do equilíbrio das funções oprimidas, sensação de bem-estar, calor relativo; com todas as variações bem entendido, que comportam as sensibilidades individual.³⁰

A descoberta das virtudes terapêuticas das águas marinhas em meados do século XVIII, na Europa, inaugurou uma nova forma de a sociedade ocidental, moderna, industrial e burguesa perceber e se relacionar com o mar oceano e, mais tarde, com suas praias. Em 1748, a literatura médica fez o primeiro registro descritivo de uma cura marinha, resultante das experiências do doutor Richard Frewin. Em 1750, o doutor Richard Russel divulgou o resultado de suas experiências e reflexões sobre as águas marinhas medicinais, sendo reconhecido como o primeiro a dar tratamento sistemático e científico à matéria.³¹ Desde então, os esforços médicos caminharam no sentido de aperfeiçoar o discurso normativo sobre as virtudes do mar, reformular algumas

prescrições, discutir outras indicações, nunca, porém, foram de encontro à tese sistematizada por Russel.

No século XIX, o modelo de banho de mar terapêutico não sofreu grandes alterações em relação ao período anterior. O mar, por suas tantas virtudes tonificantes, recebeu em seu meio líquido os doentes linfáticos, os que sofriam do sistema neurovegetativo, os escrofulosos e enfraquecidos de um modo geral: crianças raquíticas, jovens cloróticas, mulheres estéreis e as que possuíam ciclo menstrual desregulado. Acreditava-se o mar particularmente eficaz no combate às neuroses. Com o passar dos anos, vieram as descobertas das virtudes curativas e higiênicas do ar marinho e dos raios do sol, desde que experimentados até as dez horas da manhã. Por fim, após longo tempo de resistência, instalou-se a moda dos banhos nas praias do Mediterrâneo, acompanhando a literatura médica adepta aos banhos mornos e quentes e a admiração dos viajantes pela transparência das águas dos mares gregos e italianos.

No Brasil, até a primeira metade do século XIX, o uso dos banhos de mar foi extremamente raro, e, conforme apurou Lycurgo Santos Filho, “*A exceção dos indígenas, pelo correr dos séculos do Brasil, o povo recebeu banhar-se no mar e de modo geral só o fazia mediante indicação médica.*”³² Nessa data, a busca de cura pelos banhos marinhos teve, entre seus mais ilustres pacientes, D. João VI e Dona Carlota Joaquina: “*Em 1809, os médicos da Real Câmara prescreveram banhos de mar na Praia Grande (atual praia de Ipanema) ao príncipe Regente D. João e à sua mulher dona Carlota Joaquina.*”³³

A chegada da família real no Brasil, a instituição do ensino médico — primeiro, a Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro em 1813; a da Bahia em 1815 —; a fundação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro em 1829; a organização da Junta Central de Higiene em 1850, com a finalidade de coordenar os esforços dos governantes no combate às epidemias; tudo concorreu para maior difusão e fortalecimento do pensamento médico-higienista no país.³⁴ Ampliava-se o corpo médico, expandia-se o mercado de serviços desses profissionais especializados, sobretudo nas grandes cidades — no Recife da década de 1840, o número de médicos e cirurgiões exercendo a profissão na cidade girava em torno dos cinquenta —, onde também começava a se instalar um comércio de medicamentos, muitos de procedência

estrangeira, inglesa e francesa especialmente. Multiplicavam-se os títulos das publicações voltadas para assuntos médicos: livros, jornais e revistas especializados, artigos reproduzidos em jornais, as teses defendidas nas duas faculdades, os relatórios do Conselho de Salubridade de Pernambuco e instituições afins.

Em 1843, em artigo publicado nos *Annaes da Medicina Pernambucana*, o doutor Manoel Pereira Teixeira defendeu o uso dos banhos salgados entre a população do Recife,

Muito proveitoso seria que os habitantes deste país fizessem freqüente uso dos banhos frios, e em particular dos de mar, durante a estação de verão. Aqui na Cidade fácil é tomar esses banhos pela proximidade do mar, e por meio deles talvez se diminuíssem muitas das moléstias horrorosas, que tão freqüentes são aqui. Se esta Sociedade entender que isto será de proveito público, ficaremos na obrigação de aconselhar esses meios.³⁵

Neste mesmo ano, os jornais anunciavam a comercialização do recém-publicado *Dicionário de medicina popular*, de Luiz Chernoviz; ilustrado e escrito em linguagem “acomodada à inteligência das pessoas estranhas à arte de curar”. Os seus leitores passaram a conhecer a composição química da água do mar, suas propriedades higiênicas e terapêuticas, moléstias sobre as quais sua ação era comprovadamente eficaz, regras para o uso do banho de mar e possíveis acidentes resultantes da não observação das mesmas. Aprenderam que se tratava de uma água mineral, que continha ácido carbônico e muitos sais, tais como cloreto de sódio, de potássio e de magnésio, os ioduretos e bromuretos dos mesmos metais, os sulfatos de soda e de magnésia. Era água purgativa, devendo ser administrada internamente na dose de duas a quatro xícaras. Em meados do século XIX, porém, muito raramente a empregavam como tal, exatamente por seu “sabor acre, amargo e nauseabundo”, que provocava vômitos freqüentes, e porque cansava muito o estômago, ainda quando ingerida em pequena dose.³⁶ Bom mesmo era banhar-se nas águas salgadas de Talassa, quando, então, todos seus “*excelentes efeitos tônicos*” eram dados a conhecer.

E era na forma de banhos que o mar atravessava as páginas do *Dicionário*, deixando seu rastro benéfico de sal e iodo, soprando seus ventos

benfazejos, salubres e restauradores do bem estar físico e mental. Os banhos salgados constituíam parte central de um complexo terapêutico e higiênico cuja eficácia dependia do apoio de uma série de outros elementos e atividades considerados saudáveis: o clima, a temperatura, a mudança na modo de viver, os costumes e a moral, as viagens, distrações moderadas e exercícios físicos.

O mar, desde essa data, foi recebendo corpos e mais corpos lânguidos, enfraquecidos e enfastiados. Com o passar dos anos, cresceram as espécies de moléstias que os médicos acreditavam passíveis de cura pelo emprego da talassoterapia: amolecimento da medula espinhal, atrofia muscular progressiva, brotoeja, cachexia, cachexia sífilítica, cancro do testículo, cárie (moléstia dos ossos), cárie vertebral ou mal de Pott, catalepsia, cloroses, corcova, diabete, elefantíase, erisipela, escrófulas, flores brancas, menstruação (regularizar), raquitismo, tinas e tísica.³⁷ Banhos frescos de mar ou de rio, acompanhados de distrações tidas como higiênicas — viagens, navegação, passeio, carreira, esgrima, caça, natação, jogos de bilhar, dança, a quadrilha e a valsa principalmente, música ligeira, pintura e os espetáculos — eram recomendados aos que sofriam de melancolia ou viviam atemorizados por pesadelos, aos hipocôndriacos, às histéricas e aos que atravessavam a puberdade inquietos e sombrios.

Em 1843, o *Diário de Pernambuco* reproduzia erudito artigo do político e cirurgião Francisco de Sales Torres Homem, intitulado ‘Da hidroterapia, ou novo método de curar pela água fria’. O autor instruía sobre o universo da hidroterapia moderna, mapeava alguns terapêuticos espalhados na Europa, todos muito bem instalados e prontos para receber uma clientela muito especial, composta de reis, rainhas, imperadores, nobres e cortesãos “*que renunciaram à prática do vinho, e das bebidas excitantes*”, para lavar os corpos em água fria a cada manhã.

O ano de 1844 foi marcado pelo surgimento da barca de banhos salgados no Capibaribe. A barca constituiu a tentativa mais concreta, até então, de ver materializado e bem sucedido o desejo de introdução e plena divulgação do uso de banhos salgados no Recife. O flutuante, porém, teve que enfrentar a força do preconceito e os limites de um mercado de serviços urbanos ainda em formação, apegado às formas tradicionais de servir-se do braço escravo, do agregado ou do esquema de favor. Viu-se, ainda, na contingência de conviver e buscar suplantiar as agonias, perdas e inseguranças de uma cidade varada pela revolução Praieira de 1848.

Data deste período, entre os anos de 1845 e 1852, o aparecimento de uma literatura médica voltada para a discussão das qualidades terapêuticas e higiênicas dos banhos em geral e dos banhos de mar em particular. Os debates transformaram-se em objeto de teses de doutoramento, apresentadas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.³⁸ Os banhos, dizia um, atuavam sobre o aparelho dermóide, cooperando para a manutenção do seu estado fisiológico, do que dependia a conservação da saúde. Eles eram incontestavelmente de imensa utilidade para saúde pública, quer em terapêutica, quer em higiene. “*O banho, condição essencialmente necessária para a conservação da saúde, não poderia deixar de ser adotado sem graves prejuízos para a saúde — dizia um outro — pois que sem limpeza não há higiene, e sem higiene, não há saúde.*”³⁹

Situando os banhos salgados na categoria dos banhos frios, embora com suas muitas especificidades — advindas da temperatura baixa de sua água, de sua densidade, da composição química da mesma, do fluxo das ondas, da pureza do ar atmosférico e das emanações salinas —, os médicos os recomendavam para

(...) desenvolver a circulação arterial à custa do sistema linfático; dar à pele a sua energia e cor habitual; despertar as forças digestivas; fortificar e regularizar a ação muscular; excitar a absorção intersticial, enfraquecida pela vida sedentária, pelo abuso do leito e pela insuficiência da menstruação; corrigir a predominância dos fluidos brancos; suspender as secreções mórbidas entretidas pela astenia dos órgãos, ativar o desenvolvimento, a nutrição e o crescimento das crianças linfáticas e raquíticas; remediar as diferentes formas de afecção escrofulosa; restituir ao seu tipo normal a inervação céfalo-raquidiana ou a sensibilidade de um órgão; restaurar as forças dos convalescentes enfraquecidos por uma moléstias de longa duração, etc...⁴⁰

Os médicos alertavam para que a população não ousasse penetrar no maciço verde-azul do mar sem cumprir as regras recomendadas. O meio líquido marinho era excepcionalmente poderoso: “*mesmo quando tomado*

*de regalo, é por sua natureza medicinal em tão alta escala, que perturbaria o equilíbrio das funções daquele que por divertimento o tomasse; o que consideramos uma imprudência, geralmente falando.”*⁴¹

Divulgar o uso dos banhos, quer os de água salgada do mar, quer os de água doce e potável, torná-lo um hábito regular não apenas entre os membros das famílias abastadas, mas também entre a população pobre e remediada, eis a intenção dos higienistas. Projeto de difícil implantação em cidades em que a água para consumo doméstico se caracterizara, historicamente, como um bem escasso e caro. Os médicos e higienistas aconselhavam o uso de banhos com o sentido de terapia, limpeza e higiene do corpo; banhos regulares, disciplinados, talvez até diários, em se tratando de banhos de água potável no âmbito do espaço doméstico, ou temporadas de banhos salgados receitadas pelos médicos, cuja dosagem variava segundo cada caso específico de doença. Banhos civilizados, enfim.

Em 1868, o Estado, que até então estivera ausente do processo de implantação do costume dos banhos de mar, deu os primeiros passos no sentido de promover a nova prática ao solicitar propostas da iniciativa privada para montagem de um estabelecimento de banhos salgados no Recife. Em 1879, o governo voltou a insistir no propósito.⁴² Carlos José de Medeiros foi o único proponente que se apresentou para “*contratar o estabelecimento de uma casa de banhos nos arrecifes d’ esta Capital*”.⁴³ Em fevereiro de 1891, Manoel José da Costa Pereira, comerciante estabelecido na praça do Recife, solicitou licença Congresso Estadual para montar um estabelecimento de banhos salgados em Olinda:

Manoel José da Costa Pereira [...], desejando concorrer para prosperidade e embelezamento da cidade de Olinda, vem, muito respeitosamente pedir-vos que vos digneis de prestar vossa benigna e esclarecida atenção para o que passa a expor. De ano para ano se torna cada vez mais procurada a antiga Capital de Pernambuco por numerosas famílias, que para ali vão desta cidade [Recife], a conselhos médicos, a fim de fazer uso de banhos salinos; mas não se encontrando ali se não o que existe de mais rudimentar, é necessária, é imprescindível a criação de um estabelecimento

banhear, convenientemente montado e em que nada falte absolutamente às comodidades e à segurança da vida dos banhistas.”⁴⁴

O ritual dos banhos salgados obedecia em grande parte a regras de conduta firmadas pelo moderno saber médico-higienista. Esse discurso científico fora, com o tempo, apropriado e recodificado por pessoas comuns, inteiramente alheias à arte de curar, mas que as acreditavam salutares e moralmente corretas:

Não devia confessar, mas sou do tempo do ‘banho salgado’. Acordávamos com a noite fechada, entrávamos em nossas roupas de banho e partíamos de carros, para a Boa Viagem. Em jejum. Ai de quem tomasse café e caísse no mar. Contavam-se casos de pessoas que envesgaram ou ficaram com a boca torta. Tinha que ser em jejum como o da comunhão. Nem água.⁴⁵

Assim como para Antônio Maria, banhar-se no mar, manhãzinha bem cedo, revestia-se de um significado todo especial para Clarice Lispector. Memória de dias felizes, quando o pai a levava aos banhos em Olinda:

Meu pai acreditava que todos os anos se devia fazer uma cura de banhos de mar. E nunca fui tão feliz quanto naquelas temporadas de banhos em Olinda, Recife.

Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Como explicar o que eu sentia de presente inaudito em sair de casa de madrugada e pegar o bonde vazio que nos levaria para Olinda ainda na escuridão?

De noite eu ia dormir, mas o coração se mantinha acordado, em expectativa. E de puro alvoroço, eu acordava às quatro e pouco da madrugada e despertava o resto da família. Vestíamos depressa e saíamos em jejum. Porque meu pai acreditava que assim devia ser: em jejum.⁴⁶

Os banhos de sol e os exercícios físicos

Tão logo as idéias da higiene moderna começaram a ser largamente difundidas no Brasil, os especialistas desse campo do saber voltaram-se contra o que afirmavam ser hábitos e comportamentos anti-higiênicos das elites citadinas. Os higienistas — e, antes deles, os viajantes estrangeiros — identificaram nos hábitos sedentários, na vida consumida em ambientes fechados e insalubres e nas diversões desregradas, uma das razões para os incômodos de saúde que afligiam os membros da elite; assim como contribuíam também para os tantos males de que sofriam as populações urbanas. Vítimas e algozes elas mesmas das péssimas condições sanitárias em que se encontravam as cidades brasileiras, no alvorecer do período imperial.

Tais hábitos e comportamentos, diziam os médicos, cultivados por um período de tempo demasiado longo, repetidos por sucessivas gerações, findavam por modelar seus corpos, por se fixar na aparência física e se fazer reconhecível na coloração da pele, nas expressões faciais, na postura do corpo, no modo de andar, de sentar e de mover-se. Por fim, condicionavam a saúde e a resistência vital do organismo, definindo um tipo físico padrão entre os brasileiros da elite, brancos e que habitavam nas cidades. Segundo a maioria dos médicos e higienistas, os brasileiros eram de estatura exígua, o peito estrito, musculatura desleixada, passo frouxo e respiração curta.⁴⁷

Para mudar essa situação, era necessário combater suas causas, abandonando os maus hábitos e costumes. Para os indivíduos mais bem situados economicamente e que viviam em condições sanitárias um pouco melhor que as da imensa maioria da população pobre e escrava, os médicos recomendavam seguir os ‘preceitos da higiene privada’. Dentre estes, estavam os cuidados com a escolha do vestuário e da alimentação, o equilíbrio entre o sono e a vigília, diversões regradas e atenção com o asseio pessoal, quesito em que os banhos de água, e ar e de luz eram essenciais. Fazer exercício físico regularmente e dedicar mais tempo à vida ao ar livre constituíam as bases para uma existência saudável.⁴⁸ Os exercícios físicos, quando praticados regular e moderadamente, favoreciam o apetite, ativavam a digestão e proporcionavam um sono reparador. Algumas modalidades, como a caça, a cultura de uma horta, os trabalhos mecânicos, produziam grandes influências sobre as paixões, acalmando-as. Consideravam-nos o melhor meio para corrigir os efeitos nocivos ocasionados pelos excessos

de atividades intelectuais e morais. A tez adquiria cor e frescura, o sangue se fortalecia e o peito se desenvolvia. Além desses benefícios à saúde, muitas pessoas acometidas de melancolia e histerismo deviam suas curas a um gênero de vida mais ativo. Se praticados em excesso, porém, os exercícios podiam causar desarranjo das funções e até provocar moléstias. Quando ausentes, esclarecia o sempre prestimoso Chernoviz, em seu *Dicionário da medicina popular*:

A falta de exercício tem efeitos debilitantes sobre a constituição; produz uma sensibilidade extraordinária, tendência à exageração de todas as impressões, primeiro grau d'essas afecções nervosas tão freqüentes nas pessoas que se entregam ao luxo e à moleza. A falta de exercício é também considerada como uma das causas mais poderosas da tísica pulmonar.⁴⁹

A ginástica e a vida ao ar livre provocavam efeitos diretos e imediatos não apenas sobre a saúde pessoal, aumentando a resistência do organismo, mas também provocavam alterações visíveis na estrutura do corpo e na aparência física. Apregoavam os médicos que a adoção desses dois preceitos higiênicos eram capazes de transformar uma população de fracos, corcundas e cloróticos, em um povo ativo, robusto, corajoso e sofredor.⁵⁰

Associados às mudanças nos hábitos, comportamentos e preceitos morais de certas camadas ou mesmo de determinados grupos sociais, surgiam novos valores estéticos em relação ao corpo e ao vestuário, modificavam-se conceitos sobre moda e elegância, alteravam-se os gostos. Ao findar o século XIX, já estavam demarcadas algumas das tendências que predominariam nas sociedades capitalistas modernas em relação às questões de estética e hábitos corporais. Propensões culturais que o século XX faria vingar e florescer, especialmente após a Primeira Guerra:

Houve um tempo em que ser esgalgado, amarelento e descadeirado, e ter mesmo um aspecto doentio, representava a suprema elegância e distinção; hoje, já se não pensa assim, e ter uns músculos, vigor e agilidade, parece mais prestante gentileza e extrema galhardia. (...).⁵¹

Em conferência proferida na Biblioteca Nacional, em 1915, o doutor Plácido Barbosa foi mais além da condenação dos hábitos sedentários e reclusos da população urbana do país, reprovando também o que concebia como excesso de pudor e que se expressava através de um modo de vestir inadequado à vida à beira-mar. Considerava anti-higiênicas e antiestéticas as roupas de banhos que se avistavam ao longo do litoral brasileiro: “...há um excesso de pudor... temos vergonha de tudo, e os trajes usuais para banho de mar são, principalmente para as mulheres, uns horríveis balangandãos e pantalonas, impenetráveis a olhos curiosos, mas também impenetráveis ao ar e à luz salutíferas”. E usava de argumentos científicos para defender o uso de pouca roupa nos banhos:

E não é também sem uma razão higiênica que os banhos ao ar livre devem ser tomados com tão pouca roupa quanto possível, pois está demonstrado que é enorme a ação tônica e vitalizadora da atmosfera aberta e da luz solar sobre o corpo nu. Na Europa, principalmente na Alemanha, de onde veio o salutar costume, existem até estabelecimentos próprios vedados a olhos indiscretos, em que os banhos de ar e luz podem ser tomados em estado de completa nudez.⁵³

Entre o final da década de 1920 e início dos anos 1930, as mudanças no modo de vivenciar a beira-mar ficavam mais visíveis, generalizadas e passavam a acontecer em ritmo mais acelerado. Nesse período, os grandes alvos de atenção das praias passaram a ser os novos modelos de maiôs, principalmente o frente-única, que colavam ao corpo e deixavam transparecer as formas, e que expunham ao sol alguns centímetros a mais de pernas, braços e colos.⁵⁴ Os partidários do seu uso diziam ser os mais cômodos: “*Não tolhendo os movimentos físicos, nem embaraçando-os, para que os músculos fiquem expostos e tenham sua liberdade de ação, recebendo diretamente o contato das águas salgadas, o melhor dos tonificantes para o organismo.*”⁵⁵

Banalizavam-se os argumentos higiênicos e terapêuticos em prol de um corpo ativo, forte e receptivo ao sol. A estação de verão nas praias simbolizava a renovação cíclica da vida, época em que as pessoas se entregavam à

“alegria pagã e excitante de vida ao ar livre”. Era hora de rejuvenescer o corpo, de retemperar os músculos praticando esportes e expondo o corpo ao sol e ao ar livre. No verão, *“As mulheres tornam-se mais graciosas e harmoniosas com os seus maiôs, que lhes deixam plena liberdade dos gestos e atitudes em seus movimentos livres de preconceitos.”* Os homens, por sua vez, de troncos nus e pulmões abertos, perdiam a couraça que os enredava no dia a dia, e se tornavam mais simples e ingênuos. As crianças recobravam as cores perdidas das faces, adquirindo uma aparência sadia.⁵⁶

O tempo, a sociedade, a moda elegiam suas musas: as mulheres morenas, as falsas morenas queimadas do sol, como a jovem Ivanise Rodrigues, *“Morena, de um moreno jambo, aveludado, acetinado e sublimemente brasileiro”*. Ou como aquela menina de maiô preto das praias de Olinda, *“Menina de cor morena, morena bem brasileira.”*⁵⁷

Curtir a pele, entretanto, exigia cuidado e prudência. O excesso de sol poderia causar desde queimaduras na pele até a desidratação e a anemia. A helioterapia ensinava que o tempo de duração dos primeiros banhos de sol não deveria passar de trinta minutos, aumentando aos poucos, gradualmente. Até às nove horas, o sol oferecia menos riscos à saúde. Pessoas loiras e de pele rósea deveriam redobrar os cuidados. Um medicamento à base de ferro aumentava a resistência do corpo ao sol, como também os alimentos ricos nesse minério: gema de ovo, espinafres, lentilhas e fígado de vitela deveriam constar na dieta de todo banhista. Recomendava-se a ingestão de líquidos, para evitar a desidratação do organismo e outros males. Mas, caso o banhista se excedesse, o mercado farmacêutico dispunha de fórmulas capazes de minorar os efeitos negativos do excesso de sol sobre o organismo ou de aliviar as dores da pele ressecada:

Sabemos que a ‘campanha da saúde’ que é o nudismo parcial dos banhistas de nossas praias, dia a dia toma o caráter mais mundano visto ninguém temer as queimaduras do Sol. Pudera! Tendo a mão um frasco de ‘Água Rabelo’, a pele não sofre as queimaduras oriundas da longa estadia ao Sol.⁵⁸

Em um dado momento, a sociedade apercebeu-se de que a forma e a motivação para estar à beira-mar possuíam também a sua própria história. Artigo

publicado no *Diário de Pernambuco* sintetiza de modo exemplar a visão das mudanças que se processaram em relação às praias e à estação do verão:

Com a entrada triunfante do verão, abre-se a estação abrasadora dos banhos de mar. As praias inundadas de luz começaram já a encher-se de lindas morenas tostadas pelo sol, cujos corpos juvenis e sadios, mal cobertos por audaciosos *maillots*, se agitam nos jogos ou se espreguiçam molemente na areia branca...

Eliminados pelo espírito desportivo do século, os velhos preconceitos cederam finalmente à influência da vida ao ar livre e a moda dos banhos de mar pode enfim atingir o seu pleno desenvolvimento. Mas, até que chegasse à elegância e simplicidade de hoje, mais de cem anos de evolução e progresso decorreram lentamente. Até que os calções subissem dos tornozelos — onde se amarravam por meio de elásticos — ao alto das pernas, e os amplos saíotes, que dissimulavam em suas dobras as curvas do corpo fossem a ele se ajustado pela redução do excesso de pano, transcorreu todo um século de lutas entre a sisudez dos moralistas indignados e as inovações irresistíveis do tempo.⁵⁷

A partir da década de 1930, estava consolidado um determinado modo coletivo de vivenciar as praias de banho. Um modo que privilegiava as práticas culturais esportivas e recreativas, o descanso e a contemplação da natureza, os passeios a pé pela praia, os banhos de mar e os de sol, que facilitavam a formação de grupos de convivência e de amizade. As praias tornavam-se, também, local privilegiado para exposições pessoais, para ostentar sinais de luxo e riqueza, de elegâncias, distinções e prestígios por parte daqueles que os detinham. Lugar onde as formas de relação para com o corpo, os gestos e atitudes comportamentais se davam a perceber com grande nitidez e que, por sua vez, revelavam a procedência de classe daqueles que os ostentavam. Os corpos de músculos torneados, fortes, robustos e saudáveis, curtidos pelo sol e de pele sem manchas, exibidos por uma certa fração da elite, contrastavam com corpos macilentos e amarelados dos que se entregavam exageradamente às atividades intelectuais, símbolo antiquado de beleza, representação do romantismo ultrapassado. Entrechocavam-se mais ainda

com os corpos franzinos, raquíticos e esqueléticos dos banhistas das camadas populares, de peles marcadas por manchas e cicatrizes, denunciadoras dos inúmeros males a que estavam expostos. A partir dessa década, com as Leis Trabalhistas e a política de disciplina do trabalhador nacional posta em prática pelo Estado Novo, junto às melhorias no serviço de transporte público, a presença das camadas populares nas orlas marítimas torna-se mais regular e expressiva, alterando, daí em diante, as feições social e cultural das praias.

Notas

- ¹ Artigo extraído de capítulos da tese de doutorado ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *As praias e os dias: história social das praias de Olinda e do Recife - 1840-1940*. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2003.
- ³ FREYRE, Gilberto. *Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record. 6. ed. 1989, p. 65.
- ⁴ GAMA, Miguel do S. Lopes. Os banhos no tempo de festa ... 28 jan. 1844. In: O CARAPUCEIRO: o padre Lopes Gama e o Diário de Pernambuco 1840-1845/ José Antônio Gonsalves de Mello. Índices da edição autônoma 1832-1842/ Maria da Conceição Luna Rodrigues; apresentação e organização de Leonardo Dantas Silva. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1996.
- ⁵ Além dos autores citados no texto, Gilberto Freyre e o padre Lopes Gama, o Carapuceiro, ver também GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil ...* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975, p. 52; TOLLENARE, L. F. de. *Notas dominicais*. Recife: Governo do Estado, Secretaria de Cultura. 1978, p. 202.
- ⁶ VILHENA, Luís dos Santos. *A Bahia no século XVIII*. Bahia: Editora Itapuã, 1969, v. III, livros III e IV p. 826-7.
- ⁷ KOSTER, Henri. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura – Governo do Estado de Pernambuco, 1978, p. 37-38.
- ⁸ Em 1709, a população do Recife era estimada em 12.000 habitantes, aproximadamente. A epidemia de 1746 alastrou-se desde Fora de Portas a Santo Antônio, bairro da Boa Vista, Afogados, Giquiá, Boa Viagem, Ibura, atingindo a cidade de Olinda, praia de Pau Amarelo, findando em Curcurana.
GAIO, Ângelo Custódio Machado. Dos motivos que deram princípio à situação do Arraial do Poço da Panela, sendo da possessão do engenho Casa Forte, em outubro de ano de 1759, da ereção da capela para colocação da Santíssima Virgem Maria Mãe de Deus, com o título de nossa Senhora da Saúde. *Diário de Pernambuco*, Recife, 5 dez. 1859, p. 2-3.

- ⁹ Sobre o abandono das cidades infectadas e a busca da salubridade nos campos, ver MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965, 2º volume, capítulo XVI. O subúrbio — e depois.
- ¹⁰ GAIO, Ângelo Custódio Machado. Op. cit.
- ¹¹ GAIO, Ângelo Custódio Machado. Op. cit., p. 2.
- ¹² Em 31 de julho de 1817, baixou-se a resolução erigindo em paróquia o distrito do Poço da Panela, sob invocação de Nossa Senhora da Saúde. PEREIRA DA COSTA, F. A. *Arredores do Recife...*, p. 113-4. O Poço pertencia ao município de Olinda, porém, pela lei provincial de 8 de maio de 1843, passou a fazer parte do município do Recife. GAMA, José Bernardo Fernandes. *Memórias históricas da província de Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1977, v. I, p. 37.
- ¹³ Sobre a influente comunidade inglesa no Brasil, FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora; Brasília, MEC - INL, 1977. Para Pernambuco, ver MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Inglese em Pernambuco: história do cemitério britânico do Recife e a participação de ingleses e outros estrangeiros na vida e na cultura de Pernambuco, no período de 1813 a 1909*. Recife: Instituto Arqueológico, Histórico Geográfico Pernambucano, 1972.
- ¹⁴ Ver os artigos de GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Despedida por este ano aos meus respeitáveis assinantes e leitores. *O Carapuceiro*. Recife, 24 nov. 1832; As constipações e as indigestões. 23 dez. 1837; As festas de fim de ano, 17 jan. 1938; As nossas festas do campo, 17 fev. 1838; Os passatempos do Natal, 24 dez. 1842; e os publicados no *Diário de Pernambuco*: Os passatempos do Natal, 13 jan. 1844; e Os banhos no tempo de festa, 23 jan. 1844. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. (Org.). *Diário de Pernambuco: economia e sociedade no 2º reinado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996, p. 357-60; 363-5.
- ¹⁵ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Os banhos no tempo de festa... p. 363.
- ¹⁶ MELLO, Evaldo Cabral de. Canoas do Recife: um estudo de micro-história urbana. *Rev. Inst. Arq. Hist. e Geog. Pern.* Recife, v. L, p. 68.
- ¹⁷ BERNARDES, Denis Para reler o Recife e suas origens. In: BERNARDES, Denis. *Recife: o caranguejo e o viaduto*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996, p. 11. Ver também, MENEZES, José Luiz da Mota. A ocupação do Recife numa perspectiva histórica. *Clio*. Recife, v. 1, n. 14, 1993, p. 147-162; SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1977, p. 271-357.
- ¹⁸ José A. Gonsalves de Mello chamou particularmente atenção sobre este ponto. MELLO, José Antônio Gonsalves de. Capunga: crônica de um bairro recifense. In: SOUTO MAIOR, Mário e SILVA, Leonardo Dantas (Orgs.). *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: Editora Massangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1992, p. 265-6. Artigo originalmente publicado no *Boletim da Cidade do Recife*, Recife, v. 3, jun. 1979. CASTRO, Josué. *Fatores de localização da cidade do Recife: um*

ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948, p. 63-81. Ver também, LACERDA, Mário. *Metropolização e subdesenvolvimento ...*; MENEZES, José Luiz da Mota. Apresentação ao livro de VERAS, Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti. *De 'apé-puc' a apipucos: numa encruzilhada, a construção e permanência de um lugar urbano*. Recife: Edições Bagaço, 1999.

- ¹⁹ Sobre a situação econômica de Pernambuco e do Recife, entre os séculos XVII e início do XIX, ver SINGER, Paul., Op. cit., p. 274-85.
- ²⁰ PEREIRA DA COSTA, F. A. Op. cit., v. 9, p. 507-11.
- ²¹ KIDDER, Daniel P. *Reminiscência de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil*. Belo Horizonte: ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 96.
- ²² O termo 'democratização' foi empregado por MELLO, Evaldo Cabral de. *Canoas do Recife...*, p. 70; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Capunga: crônica de um bairro recifense ...*, p. 270-1.
- ²³ ANDRADE, Manoel Correia de. *Problemática de uma metrópole de uma região subdesenvolvida*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Editora Universitária, 1979, p. 89; MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Inglese em Pernambuco...* p. 47. Sobre o transporte fluvial, ver MELLO, Evaldo Cabral de. Op. cit.; Sobre canoas e canoieiros no Recife e em Olinda, SILVA, Luís Geraldo. *Canoieiros do Recife: história, cultura e imaginário (1777-1850)*. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas: Papirus, 1996, p. 93-126.
- ²⁴ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Os passatempos do Natal. *O Carapuceiro*, Recife, 24 dez. 1842.
- ²⁵ De acordo com Gilberto Freyre, os ingleses foram os primeiros a fazer dos subúrbios recifenses, cariocas e baianos, lugar de morada permanente. Algo que, para o Recife, estaria situado no ano de 1820, aproximadamente, segundo depreende-se de ligeiro comentário de Maria Graham. FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil*, p. 136-172; GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 127.
- ²⁶ GAMA, Miguel do Sacramento Lopes. Os banhos no tempo de festa. *Diário de Pernambuco*, 23 jan. 1844. *O Carapuceiro*. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Diário de Pernambuco: economia e sociedade 2º reinado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.... p. 365.
- ²⁷ COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979; HERSCHMANN, Micael, KROPF, Simone e NUNES, Clarice. *Missionários do progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro, 1870-1930*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1996.
- ²⁸ As moléstias ordinariamente tratadas pela hidroterapia compunham uma lista enorme, talvez de maçante leitura, mas cuja informação parece-nos importante. Eis a listagem

organizada por Chernoviz: “albiminuria, amenorréia, atrofia muscular, bronquite crônica, cárie dos ossos, caimbras, catalepsia, congestões pulmonares (disposições às), constituição delicada, constituição hemorrágica, consupção, diabetes, digestões lentas, dores osteocópicas, dores reumáticas, engurgitamento do baço, do fígado, das glândulas linfáticas, enteralgia, enxaqueca, escorbuto, escrófulas, esfalfamento nervoso, fastio, febres intermitentes, flores brancas, fraqueza da bexiga, do estômago, dos intestinos, gastralgia, gota, hemorróidas, hidartrose, hipocondria, histerismo, impotência, insônia, lumbago, melancolia, menstruação difícil, metrite crônica, nevralgias diversas, nevroses, opilação, palpitações nervosas, papeira, paralisia, poluções, prisões de ventre, raquitismo, reumatismo articular, ou muscular, rjezas articulares, ciática, sífilis constitucional, tísica incipiente, torcicolo, tumores brancos (certos), úlceras inveteradas, vômitos nervosos, etc. em geral as moléstias crônicas em que é preciso restabelecer as forças da economia.” CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular, em que se descreve, em linguagem accommodada á intelligencia das pessoas estranhas a arte de curar, os signaes, as causas e o tratamento de todas as molestias, tanto das que affecção os brancos, como das que só accommetem os pretos (...)*. 5. ed. Paris. “Consideravelmente augmentada, posto a par da sciencia, e acompanhada de mais de 500 figuras intercaladas ao texto”. Paris, 1878, 2 v, v. 2, p. 160-162. Foi impresso pela primeira vez no Rio de Janeiro, pela Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Comp., entre 1842 e 1843, em 2 volumes. *Diccionario da medicina popular e das ciencias accessorias para uso das familias contendo a descripção das causas, symptomas e tratamento das moléstias; (...)*.

²⁹ Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales. Tome huitième. Paris: P. Asselin, Sr. de Labé; Victor Masson et Fils, 1868, p. 233.

³⁰ Id. Ibid. p. 233-4.

³¹ Tema exemplarmente trabalhado por CORBIN, Alain. *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Ver também a excelente síntese sobre banhos, banhos de águas minerais, banhos públicos, banhos medicamentosos, banhos de mar no Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales, p. 58-80; 101-261. Tratam também sobre o assunto ACTAS Ciba 1. Rio de Janeiro. Ano XV, n. 1, p. 2-30, jan. 1948 (Do banho); ACTAS Ciba 4. Ano XV, n. 4, p. 74-112, abr. 1948 (A água); CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. *Diccionario de medicina popular ...*

³² SANTOS FILHO, Lycurgo. *História geral da medicina*. 2. ed. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 1991. 2 v., p. 407.

³³ CALMON, Pedro. *O rei do Brasil*. Rio de Janeiro: 1935, p. 227-8 apud AZEVEDO, Thales. *A praia: espaço de socialidade*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988, p. 10-11.

³⁴ SANTOS FILHO, Lycurgo. Op. cit., v. 2, p. 89; LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade são, corpo são: urbanização e saber médico no Recife (final do século XIX, início do século XX)*. Dissertação (Mestrado em História), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 1996, p. 52.

- ³⁵ TEIXEIRA, Manuel Pereira. Memória sobre as causas prováveis da freqüência do hidrolece nesta Cidade do Recife ... In: *Annaes da Medicina Pernambucana...* Recife, ano I, n. II, fev. 1843. In: *Annaes da Medicina Pernambucana 1842-1844*. Edição Fac-similar. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977, p. 63 - 75.
- ³⁶ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Op. cit., 5. ed., p. 54 e 78.
- ³⁷ Entre a primeira edição de 1842/1843 e a quinta de 1878, novas doenças sujeitas à cura marinha apareceram, quais sejam: atrofia muscular progressiva, cárie vertebral, catalepsia, clorose, diábetes, erisipela.
- ³⁸ Abreu listou quatro teses referentes ao tema, dentre as quais tivemos acesso, por meio de microfilme, às três últimas, cronologicamente falando. Foram elas: DURÃO, José Ferraz de Oliveira. *Breves considerações acerca do emprego hygienico e therapeutico dos banhos de mar*. Rio de Janeiro: Typ. Teixeira & C., 1845; SÁ, José Marques de. *Higiene de pelle no Rio de Janeiro: vestuario e banhos. Estudo especial dos banhos em relação a esta cidade; quaes os habitos e costumes da população? Qual a sua influencia sobre a saude publica? Que direcção se lhes deve dar?* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1850; MOTTA, Manoel Pinto da. *Que influencia tem tido, sobre a saude publica da Capital, os banhos de que usa sua população? Convem por ventura conservar a respeito delles o uso estabelecido, ou modifica-lo?* Rio de Janeiro: Typographia Litteraria, 1851; PAIVA, Eugenio Carlos de. *Estudo dos banhos em relação aos habitantes desta Cidade. Quaes os habitos e costumes da população a seu respeito? Qual a sua influencia sobre a saude publica? Que direcção se lhes deve dar?* Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1852. As primeiras teses elaboradas no Brasil, sobre a hidroterapia, datam deste mesmo período, conforme informações de Lycurgo dos Santos Filho, referidas na nota de número 94, imediatamente acima.
- ³⁹ Respectivamente, MOTTA, Manoel Pinto da. Op. cit., p. 3-4; SÁ, José Marques de. Op. cit., p. 67.
- ⁴⁰ SÁ, José Marques de. Op. cit., p. 63.
- ⁴¹ MOTTA, Manoel Pinto da. Op. cit., p. 4.
- ⁴² SECÇÃO 5ª - Secretaria da Presidência da Província, 25 de setembro de 1879. *Diario de Pernambuco*, Recife, 27 de set. 1879. Editaes, p. 4.
- ⁴³ PERNAMBUCO - Bases do contrato entre o Excelentíssimo Presidente da província e o negociante matriculado Carlos José de Medeiros para construção e exploração de uma casa de banhos salgados nos arrecifes do porto d'esta Capital. Recife, 23 de maio de 1879.
- ⁴⁴ Petição de Manoel José da Costa Pereira à Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, em 25 de fevereiro de 1891. Arquivo Histórico da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco.
- ⁴⁵ MORAIS, Antônio Maria Araújo de. *Com vocês, Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, p. 53-54.

- ⁴⁶ LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 249.
- ⁴⁷ BARBOSA, Plácido. O problema da tuberculose no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: *Anais da Biblioteca Nacional*, v. XL, p. 305, 1923 (Conferência promovida pela Biblioteca Nacional em 1915).
- ⁴⁸ Ver, por exemplo, CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Op. cit.; e COMISSÃO Central de Saúde Pública. Conselhos ao povo sobre os preceitos higiênicos que se deve guardar no curso da epidemia do *cholera-morbus*, e os meios de remediar aos primeiros sofrimentos, pela comissão central de saúde pública do Rio de Janeiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 25 set. 1855, p. 2.
- ⁴⁹ CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Op. cit., 5. ed. v. 1, p. 1030-6. Na primeira edição, datada de 1843, não aparece o verbete 'exercício físico', mas sim, ginástica. A quinta edição, da qual extraímos a citação, é de 1878.
- ⁵⁰ Palavras proferidas pelo doutor Antônio Peregrino Maciel Monteiro, Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco, em 4 de abril de 841. MONTEIRO, Antônio Peregrino Maciel. Discurso. *Anaes da Medicina Pernambucana* (1842 – 1844), p. 14.
- ⁵¹ ENNES, G. Deve proibir-se o foot-baal? (Questões médico-sociais). *Diário de Notícias*, Lisboa apud *Jornal do Recife*, 10 out. 1909, p. 1.
- ⁵³ Id. Ibid. p. 303.
- ⁵⁴ LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 240-2.
- ⁵⁵ OS MAILLOTS não são vistos com bons olhos ... *Verão*. Recife, 22 out. 1933, n. 3, p. 5.
- ⁵⁶ SINAL dos tempos. *O Sol*. Olinda, 23 set. 1934, n. 8, p. 4.
- ⁵⁷ Respectivamente, W. Ivanise Rodrigues e SINHÔ. Brincando com vocês. *Verão*. Recife, 4 nov. 1934, n. 9, p. 3 e 14 out. 1934, n. 6, p. 5. Atento aos últimos acontecimentos, o maestro e compositor Nelson Ferreira não deixou escapar a oportunidade de gozar com 'falsa' polêmica que contrapunha a loura à morena, associando-a ainda à moda praia e à conjuntura política mais imediata. Na composição do frevo 'Coração ocupa teu posto!', de 1935, o maestro condensava na palavra 'frente única' toda uma notável percepção dos fatos presentes que mais atraíam o interesse popular: "(...) Com a loirinha e a moreninha/ faz 'frente única' com paciência.../ estou de acordo com qualquer das duas/ o melhor partido é não haver 'dissidência'..." FERREIRA, Nelson. *Coração, ocupa teu posto!* Recife, 1935 apud NELSON FERRERIA. Op. Cit., p. 20 e 286.
- ⁵⁸ ÁGUA Rabelo. Olinda – *Revista Ilustrada*. Olinda, 22 out. 1933, n. 12, s. p.
- ⁵⁷ OS ROMÂNTICOS antepassados do maillot. *Diário de Pernambuco*, 26 jan. 1936, p. 1. 3º Secção.